

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 539	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	36800	18900	8900	8120	II DE DEZEMBRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Posseções ultramarinas (idem)...	48000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	54000	26500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Triste e lugubre tem que ser a nossa chronica d'hoje, porque lugubres e tristes foram os acontecimentos, que se salientaram nos ultimos dias decorridos e que a ella se impõem.

Mortes, aiortes e mais mortes, foram os acontecimentos da semana; mortes de homens postos em evidencia pelo seu alto valor intellectual, pela sua elevada posição, pelo seu nobre caracter, pela situação proeminente que tinham na estima, na amizade e no respeito dos seus conterraneos e pelo papel importante que representavam na sociedade contemporanea portugueza.

O primeiro d'esses mortos illustres foi um homem de letras distinctissimo e ao mesmo tempo um amigo particular nosso, sr. Augusto Palmeirim, nobilissimo caracter e nobilissimo coração, poeta dos mais queridos e dos mais prestigiosos d'entre os poetas da geração de honrem, escriptor dos mais brilhantes, dos mais illustrados, dos mais conceituados, socio effectivo da Academia Real das Sciencias e director do Real Conservatorio de Lisboa.

Pobre Palmeirim! Que bella intelligencia a sua! que grande coração o seu! e como elle bem merecia as profundas sympathias, as devotas amizades, as entusiasticas adoracões de que viveu e morreu cercado pelos seus amigos, pelos seus collegas, pela sua familia, que o estremecia como o melhor dos chefes, dos seus filhos que o idolatravam como o mais estremo dos paes, e que hoje choram inconsolaveis a grande perda, que não tem remedio!

Luiz Augusto Palmeirim não era ainda um velho e ha poucos annos ainda, antes da doença que o victimou ter começado n'elle a sua obra de aniquillamento, parecia um rapaz pela vivacidade do seu espirito, pela jovialidade do seu genio, pela robustez da sua brilhante intelligencia em plena virilidade,

pela vida exuberante, de que a sua grande actividade era uma prova irrefutavel.

Um dia, a morte bateu-lhe á porta sob a forma traiçoeira d'uma congestão quasi insignificante, sem importancia apparente.

Palmeirim esteve uns dias doente, tratando da sua saúde sem preocupacões de gravidade e, depois de afastado umas semanas do seu trabalho quotidiano, voltou a elle, julgando-se curado, julgando-se o mesmo que d'antes era.

Illudia-se; a familia, os amigos, todos que lhe queriam muito, puderam tambem illudir-se por umas horas, com esse optimismo com que se julgam sempre ver conjuradas as desgraças que nos aterram, mas essa illusão pouco poudo durar.

Atraz d'essa congestão, de que todos quizeram occultar a si proprios a gravidade, veio outra e ou-

tra e outra e a doença terrivel, de que essas congestões eram terrivel symptoma, não o matou logo mas inutilisou-o para sempre.

A robusta organisação de Palmeirim, o seu espirito alegre, trabalhador, quiz lutar contra essa sentença fatal, mas não poudo.

Dia a dia peiorando, dia a dia enfraquecendo, foi succumbindo n'essa lucta, que principiou por inutilisal-o e que, ao cabo de longos mezes de sofrimento, acabou por o matar!

Palmeirim morreu na segunda feira 4 do corrente, ás 11 horas da noite, nos braços de sua amantissima esposa e rodeado pelos seus filhos e filhas que o adoravam.

Morreu com 68 annos d'idade legando um nome glorioso e honrado, e uma obra litteraria de distincto e inegavel valor.

Entre essa obra avultam as suas poesias em que vibra a alma ardente d'um poeta popular, que fez epoca na sua geração, *Portugal e seus detractores*, um livro d'um patriota entusiasta, a *Galerias de Figuras portuguetas*, e os *Excentricos do meu tempo* dois livros escriptos com muito bom humor, com muito cuidada observação e com uma grande vernaculidade de estylo aliada a uma despretençiosa elegancia de forma.

Alem d'estes livros Palmeirim deixa muitos outros trabalhos valiosissimos, como por exemplo os apontamentos para uma biographia de D. Pedro IV, Duque de Bragança, para servir de esclarecimento aos artistas que concorreram ao concurso aberto para a estatua do monumento de D. Pedro IV e que teve as honras de ser louvado em portaria do governo, uma *Memo-ria acerca do ensino das artes scenicas*, onde, como director do Conservatorio, compilou dados interessantissimos para a historia do ensino da musica e da arte dramatica em Portugal, e collaborou em quasi todos os jornaes litterarios e politicos, que n'estes ultimos quarenta annos tem havido em Lisboa.

No theatro tambem Palmeirim teve em tempo successorio distinctos e no reportorio do theatro de D. Maria figuram peças suas originaes que foram muito applaudidas. *Como se sobe ao poder*, *A Domadora de feras*, *O Sapateiro d'escada*, alem



CONSELHEIRO RODRIGO RIBEIRO DE SOUZA PINTO
DIRECTOR DO OBSERVATORIO ASTRONOMICÓ DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FALLECIDO EM 14 DE SETEMBRO DE 1893

(Copia de uma photographia do sr. J. M. Santos)

de traducções que tiveram grande exito, como por exemplo a dos *Intimos* de Sardou.

Luiz Augusto Palmeirim começou a sua vida pela carreira militar, cursou o collegio militar e sentou praça em infantaria 16. Depois tomou parte nos acontecimentos politicos de 1848, servindo como ajudante d'ordens do Conde das Antas e do Barão de Fornos d'Algodres e é d'esse tempo de luctas, que datamos suas mais inspiradas poesias, que lhe valeram a sua grande nomeada e que andaram por muitos annos na bocca de toda a gente, como canções populares, a maior gloria para um poeta.

Finda a guerra civil, Palmeirim deu baixa do serviço militar e em 1852 entrou na burocracia.

Subiu rapidamente postos no ministerio das obras publicas e d'ali a 13 annos estava chefe da repartição.

Em maio de 1878 foi nomeado director do Conservatorio Real de Lisboa e o maior elogio da maneira distincta, zelosa e imparcial, com que durante quinze annos dirigiu esse importante estabelecimento, está nas lagrimas sentidas que vimos nos olhos de muitos professores, quando no dia do funeral o acompanharam a sua ultima morada, a dôr profunda e sincera com que todos elles prantearam a sua morte, como se fosse a morte d'um querido companheiro.

O funeral de Luiz Augusto Palmeirim foi uma manifestação imponente das sympathias, que esse excellente homem tinha na vida, das saudades sinceras que na sua morte deixou.

Nós, que tivemos a honra de o conhecer de perto, de poder bem avaliar o seu talento, o seu caracter e o seu coração, associamo nos fraternalmente a dôr immensa, que n'este momento punge a sua dolorida e inconsolavel familia.

Tres dias depois da morte de Luiz Augusto Palmeirim, correu em Lisboa, com a rapidex das más novas, a desoladora noticia do fallecimento d'outro homem igualmente querido, igualmente cercado de sympathias e de respeito! Pedro Correia.

Esse, do mesmo modo que Palmeirim, tinha tambem ha muitos mezes lavrada a sua sentença de morte, mas, nem por não ser inesperado, essa morte foi menos sentida.

Ha dois annos, em novembro de 1861, quando eu estava tambem ás portas da morte, portas que não transpuz mercê da vontade de Deus e da sciencia e da dedicacão de dois medicos illustres e de dois amigos queridos, o dr. Arthur Furtado e o dr. Korth, Pedro Correia cahiu gravemente enfermo, d'uma d'essas doenças que nunca perdoam.

Muito mal ainda, essa noticia triste chegou aos meus ouvidos e impressionou-me muitissimo, porque tinha por Pedro Correia a mais sincera estima.

Todos os dias inqueria noticias d'elle e o dr. Furtado foi quem muitas vezes me informou do estado em que elle estava, da marcha que a doença ia seguindo.

No dia em que elle me disse que o Pedro Correia estava livre do perigo, tive uma grande alegria; alegria que depois desmaiou ao saber que esse perigo, por não ser immediato, não deixara de subsistir implacavel e que Pedro Correia tinha os dias contados.

Passado tempo encontrei-o. Fiquei aterrado ao vel-o e tive que fazer um grande esforço para lhe occultar o assombro, que a sua terrível mudança me causava.

Quando ha tres dias li a noticia da morte d'elle, fiquei succumbido.

Era amigo de ha muitos annos de Pedro Correia e queria-lhe como lhe queriam todos que d'elle se acercavam, uma vez sequer.

Pedro Correia era o prototypo da lealdade, da dedicacão, da honradez, da bondade e do cavalheirismo.

Não se limitava a ser um homem de bem, era um homem do bem.

Por aquella alma generosa e grande, nunca roçou sequer um sentimento mesquinho, um pensamento egoista.

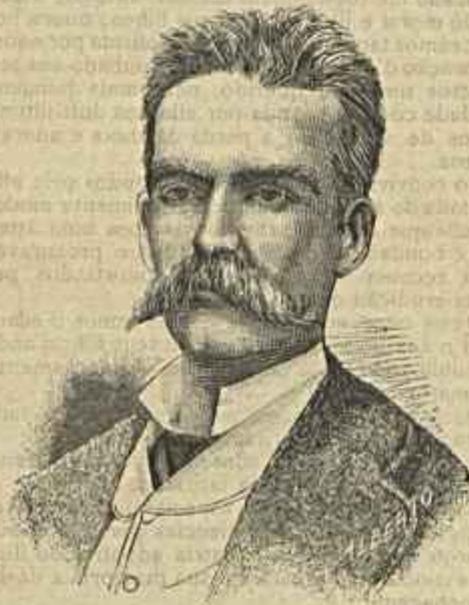
Bom para todos, para amigos e para inimigos, para aquelles que o adoravam e para aquelles que o hostilizavam, Pedro Correia nunca deu ouvidos a um rancor, nunca se vingou d'uma offensa.

A sua unica vingança era perdoar, era fazer bem, era servir toda a gente, era ser agradavel a todos!

Superior a todas as luctas pequeninas das invejas, dos odios, das malquerenças que se agitam no mundo das letras e no mundo da politica, Pedro Correia jornalista, Pedro Correia politico atravessou

sou esses dois mares onde ha tanto lodo, sempre incolume, sempre immaculado!

E não era assim por um systema estudado, não era assim porque quizesse ser assim, era assim porque não podia ser d'outro modo, sem querer, sem pensar, porque era assim o seu feitio, o seu coração, a sua alma, o seu caracter!



PEDRO CORREIA

Santo e grande caracter! Grande e santo homem!

Pedro Correia prestou relevantissimos serviços ás letras e ao jornalismo portuguez. Foi elle quem fundou o *Diario Illustrado*, a primeira folha illustrada diaria de dez réis que appareceu em Lisboa, e que já conta 21 annos d'existencia; foi elle o fundador da *Illustração Portugueza* e do *Correio da Europa*, jornal illustrado e de grande formato, destinado ao Brazil, onde tem enorme acceptação; como editor foi dos mais arrojados, dos mais emprehendedores e dos mais uteis á litteratura nacional. Devem-se-lhe, entre muitas edicões, a do *Diccionario Universal*, a da *Historia de Portugal de Pinheiro Chagas*, a da *Historia de França, Portugal Pittoresco, Bibliotheca dos dois mundos, Bibliotheca Pedro Correia, Bibliotheca Economica*, volumes de 200 e 300 paginas a 100 réis, um milagre que se julgava impossivel no nosso mercado; *Collecções Alexandre Dumas, Camillo Castello Branco, Paulo de Kock*, etc., etc.

Pedro Correia morreu com 56 annos, tendo passado grande parte da sua vida na imprensa, no jornalismo, na politica, e não deixando um unico inimigo, nem uma pessoa que não lamentasse sinceramente a sua morte.

É este o maior e mais eloquente elogio de Pedro Correia.

Quando estavamos a terminar a nossa chronica chegou-nos outra noticia lugubre, a da morte de um modesto mas erudito sabio portuguez, um botânico distincto, o sr. Antonio Ricardo da Cunha, antigo conservador do gabinete de botanica na Escola Polytechnica.

O sr. Cunha tinha 63 annos d'idade e succumbiu a uma lesão cardiaca.

Desde muito novo que se dedicara a estudos botanicos, e foi collaborador n'esses estudos de José Maria Grande, João d'Andrade Corvo, e do Dr. Julio Henriques, que tinha por elle grande estima e alta consideração.

Era um herbario notavel e deve-se-lhe o herbario existente no museu da Escola Polytechnica.

Paz á sua alma.

Ainda outro registo de necrologio:—o da morte do actor Salazar.

Francisco Emilio Salazar era um actor modesto, mas tinha valor indiscutivel e era muito querido das platéas populares.

Salazar era marido da actriz Carlota Vellozo,

actriz de muito talento e que teve grande nomeada em tempo no Porto e em Lisboa, onde creou notavelmente, no theatro do Principe Real, o papel de protagonista no *Artigo 47*, de Adolpho Belot.

Salazar tinha 50 annos e morreu d'uma lesão de coração.

Debutou como curioso na Sociedade Taliense, ha muitos annos, e como actor no antigo Rua dos Condes na peça *A Estrella do Norte*.

Esteve muito tempo nos theatros do Porto e fazia parte da companhia do Baquet quando ardeu o theatro.

Em Lisboa representou na rua dos Condes, no Principe Real, nos Recreios, na Avenida e no theatro de D. Maria, onde esteve uma ou duas epochas e onde fez um dos papeis da *Vida d'um rapaz pobre*.

As suas melhores creações foram no *93*, *Vivandeira do 16 de linha*, *Migucl Strogoff*, *Taberna*, *Bandeira do Regimento*, *Judeu Errante*, *Campinos*, *Medico Negro*, *Miseraveis*, em que se distinguio muito no papel de João Valjean.

Era um actor muito distincto no seu genero e que tinha com justica as sympathias do publico.

Quando em abril a companhia do Principe Real partiu para o Brazil, Salazar foi tambem, mas foi tão doente já, tão acabado, que os seus amigos se despediram d'elle desanimados, acreditando não o tornarem a ver, e tanto que, quando d'ali a mezes correu em Lisboa a noticia d'elle ter morrido no Rio de Janeiro, essa triste noticia foi acreditada sem difficuldade.

Era falsa essa noticia; e Salazar voltou e voltou aparentemente melhor do que tinha partido, tendo representado esta epocha ainda no theatro do Principe Real, e creado um papel novo no drama *Cambaia & C.*

Foi por pouco tempo, porém; o seu mal aggravou-se e depois de retirado 8 dias do theatro, falleceu no domingo 2, ás 11 horas da noite.

A sua morte foi muito sentida pelo publico, que o apreciava muito porque era um actor tão correcto quanto despretencioso, e pelos seus collegas, que o estimavam immenso pela lealdade do seu caracter e pela bondade do seu coração.

Gervasio Lobato.

Conselheiro Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto

Em um paiz onde o merecimento devido ao trabalho, ao talento e ás mais distinctas qualidades moraes fosse convenientemente apreciado, o homem cujos traços biographicos vamos apresentar, deveria ter recebido dos poderes publicos as maiores honras e distincções; e, retirado da posição modesta em que sempre viveu, deveria ser indicado ás successivas gerações academicas, tão fundamente impressionaveis quando vêem a sciencia aliada a um caracter immaculado, como o melhor modelo a seguir, o exemplo mais frisante de quanto vale uma educação habilmente dirigida.

Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto matriculou-se na faculdade de mathematica em outubro de 1825, tendo apenas quatorze annos d'idade; seus paes, o advogado dr. José de Sousa Ribeiro Pinto e D. Bernarda Maria Correia Pinto, de quem o nosso biographado recebeu a mais sã educação moral, entregaram a sua educação litteraria aos cuidados de seu filho mais velho, o então dr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, depois visconde de S. Jeronymo.

O exemplo do curso brilhante feito por seu irmão, Basilio Alberto, na faculdade de Direito, o caracter austero d'elle, a consideração que todos lhe tributavam pelo seu saber e virtudes, tanto impressionou o novo alumno na faculdade de mathematica, que desde logo começou a revelar-se um estudante distinctissimo, auxiliado por um talento que tanto se conformava com os estudos d'aquella faculdade.

Obteve em annos successivos a maior classificação — partido — que a Universidade concede aos alumnos premiados.

Bacharel formado em 1830, a revolução liberal veio interromper a já brilhante carreira litteraria de Sousa Pinto; finda a revolução, recebeu a honra poucas vezes concedida de lhe ser confiada a regencia d'uma cadeira sem ter feito nenhum dos actos grandes.

Tomou o grau de doutor em 31 de julho de 1836, tendo recebido da faculdade a informação — muito bom por todos — rarissimas vezes concedida.

Começa em 1834, anno em que Sousa Pinto entrava no professorado, o periodo dos mais assi-

gnalados serviços prestados ás sciencias mathematicas e mais especialmente á sua faculdade em Coimbra por aquelle já então notavel homem de sciencia.

Como professor, ninguem o excedeu na concisão e clareza com que expunha as doutrinas mais difficeis tratadas nas diferentes cadeiras que regeu sempre com a maior competencia.

Muito atrasado o ensino dado na faculdade de mathematica, o dr. Sousa Pinto tomou a parte principal na sua reforma, quer na redacção dos novos programmas, quer na versão e coordenação das doutrinas expostas em auctores estrangeiros, quer publicando livros e memorias que ainda hoje são adoptados n'aquella faculdade.

Nomeado primeiro astronomo e mais tarde em 1866 director do Observatorio Astronomico da Universidade de Coimbra, aos esforços do dr. Sousa Pinto se deve a acquisição dos melhores instrumentos e o valioso serviço da publicação regular das Ephemerides.

Commissionado para em viagem scientifica estudar os observatorios melhor estabelecidos e fazer a observação do eclipse solar no Cabo d'Oropesa (Hespanha) em 1860, publicou excellentes relatorios dos seus trabalhos e introduziu no Observatorio de Coimbra os melhoramentos que ainda hoje attestam a sua iniciativa e proveitosa actividade.

Para se avaliar o alto merecimento d'este trabalhador incansavel, da sua dedicacão á sciencia em que tão notavel se tornou, damos em seguida a relação das principaes publicações que se devem ao dr. Sousa Pinto:

Calculo das Ephemerides Astronomicas de Coimbra (1849).

Memoria sobre as refracções atmosphericas (1854).

Das refracções atmosphericas (1850).

Eclipse total de 18 de junho de 1860 (1860).

Relatorio sobre a visita aos Observatorios de Madrid, Paris, Bruxellas e Greenwich (1861).

Elementos de Astronomia, 2 vol. (1866).

Supplemento á 1.ª parte dos Elementos de Astronomia (1873).

Posição geographica do Observatorio de Coimbra (1867).

Nota sobre a parallaxe equatorial do sol (1869).

Additamento ao calculo dos eclipses (1870).

Uso do instrumento de passagem pelo primeiro vertical (1870).

Taboas dos angulos horarios e das distancias zenithaes nas passagens pelo primeiro vertical do Observatorio (1871).

Taboa dos factores L, A, C, para a correcção das passagens meridianas.

Taboas para o calculo dos eclipses e occultações (1877).

Observações no primeiro vertical do Observatorio com o instrumento transportavel de Repsold (1882).

Supplemento ao calculo das Ephemerides (1888).

Estudos instrumentaes (1887).

Continuação dos estudos instrumentaes (1889).

Additamentos ás notas de calculo differencial e integral de Francœur (1845).

Complemento de Geometria Descriptiva (1853).

Apontamentos de Trigonometria Espherica (1854).

Apontamentos d'optica (1856).

Apontamentos de mathematica (1863).

De collaboração com o dr. Castro Freire:

Geometria elementar theorico e pratico (5 edições).

Traducção do curso completo de mathematicas puras de Francœur (4 edições).

As duas obras — Complemento de Geometria Descriptiva e Elementos de Astronomia — constituem, na opinião dos mais distinctos mathematicos nacionaes e estrangeiros, dois verdadeiros monumentos; esta, apresentando nos a mais brilhante assimilação e coordenação de doutrinas, aquella revelando-nos um talento raro nas questões de analyse transcendente.

Em 1853 dizia o dr. Dias Pegado, no meio dos applausos de toda a camara, e referindo-se ao Observatorio de Coimbra: «Se este estabelecimento já não possui os Monteiros, os Maiaes, os Andrades e os Almeidaes, possui os Aquinos e os Sousas Pintos (Apoiados).»

O que deixamos dito define perfeitamente o valor do dr. Sousa Pinto: seja-nos permitido acrescentar ainda que, na sua larga vida universitária, a academia por vezes ultrapassou os limites da ordem, não respeitando, insultando, ameaçando mesmo diversos lentes e reitores: sempre o dr. Sousa Pinto recebeu as maiores provas de respeito e sympathia; e que não podia ser affrontada a dignidade d'aquelle notabilissimo homem de sciencia, d'aquelle caracter immaculado.

No seio da faculdade, onde por vezes ambições menos legitimadas dão logar a procedimentos equivocados, o dr. Sousa Pinto foi o typo da mais perfeita lealdade, da mais aprimorada correcção: nas deliberações mais melindrosas o seu parecer era ouvido com o respeito que é imposto por um extraordinario bom senso, por uma rara illustração, por uma sã consciencia.

No seio da familia não conhecemos quem mais dedicado lhe fosse, quem melhor dirigisse a educação moral e litteraria de seus filhos; nunca presenciámos tamanha dôr como a soffrida por aquelle coração d'ouro, quando lhe foi roubado aos seus affectos um filho querido, nem mais pungente saudade como a sentida por elle nos dois ultimos annos de vida com a perda da santa e adorada esposa.

No convívio social encantava a todos pela affabilidade do seu tratamento; naturalmente modesto, elle que era um sabio, ouvia com uma attenção e bondade captivante quantos o procuravam para receber esclarecimentos ministrados pela vasta erudição que possuia.

Quasi cego, aos oitenta e dois annos d'idade, com o auxilio material d'um de seus filhos, andava publicando ainda um livro de — Apontamentos de mathematica!!

Os poderes publicos, para galardoarem tanto merecimento, conferiram-lhe a commenda de Christo e a carta de conselho, graça inherente, pelo uso, aos decanos da faculdade!!

Coimbra, com a feição especial que tem, a terra classica das letras e sciencias que elle amou e honrou como poucos, a patria adoptiva do illustre extinto não prestará á sua memoria a devida homenagem?

Não haverá ali uma rua, um bairro, uma escola, uma bibliotheca, um observatorio, que receba o nome de Sousa Pinto?

Aquella preciosissima existencia, aquelle periodo de mais de sessenta annos, consagrados todos á sciencia, á familia, e á pratica de todas as virtudes, terminou aos 14 de setembro de 1893.

Paz á sua alma, honra á sua memoria.

N. da V.

Segundo casamento de Dom Miguel de Bragança

Foi, em 8 de novembro ultimo, que o senhor D. Miguel de Bragança filho de El-Rei D. Miguel I casou, em segundas nupcias, com sua prima a princeza senhora D. Maria Thereza de Loewenstein.

A familia do noivo e sua alta ascendencia é bastante conhecida em todo o Portugal, e portanto não nos referiremos a ella. Apenas diremos que o senhor D. Miguel nasceu em Heubach (Baviera) aos 19 de setembro de 1853, sendo baptisado por D. Joaquim José Pacheco, Bispo da Guarda.

Teve o filho do real proscripto por perceptor o illustrado portuguez dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes, começando a sua educação superior no anno de 1866 em Metz onde esteve até 1870.

Depois de cursar a Universidade de Inspruk foi servir no exercito de Austria, onde é coronel de engenharia, tendo-lhe porém sido dado pelo imperador de Austria o privilegio de extraterritorialidade; isto em 1876.

Em 17 de outubro de 1877 casou o Senhor Dom Miguel com a princeza de Thurn e Taxis, da qual houve os actuaes principes, Dom Miguel, Dom Francisco e Dona Maria Thereza. Enviuvou em 7 de fevereiro de 1881.

A senhora actualmente esposa do senhor Dom Miguel nasceu em 4 de janeiro de 1870 e é filha de S. S. A. A. os principes de Loewenstein-Vertheim Rosenberg.

Esta familia é das mais nobres e mais antigas entre as principescas da Allemanha. Pertence tambem a ella a augusta viuva de El-Rei Dom Miguel I a senhora Dona Adelaide de Bragança.

No castello de Heubach, onde o principe de Loewenstein habita de ordinario, é que teve logar o casamento. É uma residencia verdadeiramente real, de aspecto magestoso, elevando-se, de entre macioços de verdura, a um extremo da villa de Klein Henbach, sobre a margem direita do Meno.

O senhor do castello, principe de Loewenstein, é proprietario da baliagem de Rothenfels, Widlem

Thalein, as villas de Woerth e Treunfurth, e abbadias de Newstadt e Brombach, alem de uma renda annual de 28.000 florins, e um imposto de 12.000 sobre a navegação do Rheno. Uma das villas do principe de Loewenstein tornou seu nome muito conhecido em Portugal, porque teve papel muito importante na guerra franco-prussiana.

O castello tem trez andares e ali se hospedaram os infantes de Hespanha, os duques de Parma e os condes de Bardi; ficando no andar nobre, junto aos aposentos do senhor Dom Miguel de Bragança o archiduque d'Austria Carlos Luiz, os Duques do Cadaval e a deputação portugueza.

Duraram uns poucos de dias as festas a que o povo dos arredores, velho conhecido dos principes portuguezes, se associou, entusiasticamente, com bailes e cantares e levantando mastros enfeitoados de verdura encimados com flamulas vistosas, e por toda a parte escudos com as armas de Bragança e Loewenstein.

Ao banquete, que se realizou no dia 7 de novembro ultimo, assistiram todos os hospedes do castello, sendo a primeira das presidencias occupada pelos augustos noivos, e a segunda pela senhora Dona Adelaide de Bragança viuva de El-Rei Dom Miguel I e pelo principe de Loewenstein, senhor do Castello Heubach.

A este banquete estiveram todos os convidados que eram, além dos cavalheiros que compunham a deputação portugueza, D. Maria José de Bragança, duqueza da Baviera, infante de Hespanha D. Affonso, os principes de Isemburgo, os duques de Cadaval, D. Maria Thereza de Bragança, infanta de Portugal, barão de Oer, baroneza de Schade, dama da rainha viuva a senhora Dona Adelaide, conde de Conti, condessa Strachwitz, o secretario do Cardeal-arcebispo de Praga, o parochio de Heubach, o principe de Loewenstein, D. Maria das Neves de Bragança, infanta de Hespanha, condes de Bardi, princeza Sophia, filha dos duques de Baviera, o principe Luiz de Loewenstein, cunhado do augusto noivo, a princeza Maria de Isemburgo e sua dama, condessa de Chenard, princeza de Loewenstein, mãe da senhora D. Maria Thereza de Bragança, duques de Parma, D. Maria Aldegundes de Bragança, duque da Baviera, principes Funfkirchen, a augusta viuva de El-Rei D. Miguel a senhora Dona Adelaide de Bragança, o Cardeal-arcebispo de Praga, celebrante do real enlace, D. Maria Antonia de Bragança, duqueza de Parma, a princeza Maria Anna de Loewenstein, irmã do augusto noivo, o mordomo dos Castellões, damas de serviço e auctoridades religiosas e administrativas de Heubach compunham o numeroso e nobilissimo auditorio que assistiu ao banquete de 7 de novembro.

Em *toilettes* distinguiram-se as infantas portuguezas D. Maria das Neves, de crepe azul, colar de cinco voltas de perolas de subido valor; D. Maria José de Bragança, de gaze arco-iris, com o decote rematado no peito e nas costas por grandes estrellas de diamantes; a augusta noiva, de simples reps cor de rosa exornada apenas com as joias offerecidas na sua *corbeille*; D. Aldegundes Bragança, de setim cor de rosa com guarnições de velludo verde, com quatro *rivieres* de brilhantes e diadema igual; D. Maria Antonia de Bragança, duqueza de Parma, vestido de setim branco bordado a ouro e a matiz, e na cabeça os diamantes historicos que pertenceram á rainha de França, Maria Antonietta.

Não chegaria todo o numero do OCCIDENTE para descrevermos todo o grandioso d'esta festa.

Por isso temos de limitarmo-nos só ao espaço de que dispomos.

Este banquete foi no dia seguinte áquelle em que se assignou o contracto civil do casamento.

A cerimonia religiosa realizou-se no dia 8 ás 11 horas da manhã, assistindo a deputação portugueza e todos os convidados para o banquete. Depois de abençoado o enlace pelo Cardeal-Arcebispo de Praga, seguiu-se um almoço intimo.

O senhor Dom Miguel de Bragança recebeu felicitações pelo seu consorcio de Sua Santidade Leão XIII, do imperador da Austria, do imperador da Allemanha e do ex-rei de Napoles.

Aqui agradecemos aos nossos amigos Batalha e Portugal, terem-nos facilitado o formoso grupo que hoje abrilhanta a galeria já vasta do nosso OCCIDENTE.

Manuel Barradas.



O SENHOR DOM MIGUEL DE BRAGANÇA E A SENHORA DONA MARIA THEREZA LOEWENSTEIN DE BRAGANÇA
(Cópia de uma photographia)



AS NOSSAS GRAVURAS

OS PAES DO CELEBRANTE

Este quadro de Alcazar Tejedor desenha admiravelmente uma das scenas mais tocantes da vida, qual a de um pae e uma mãe assistir á primeira missa celebrada por um seu filho.

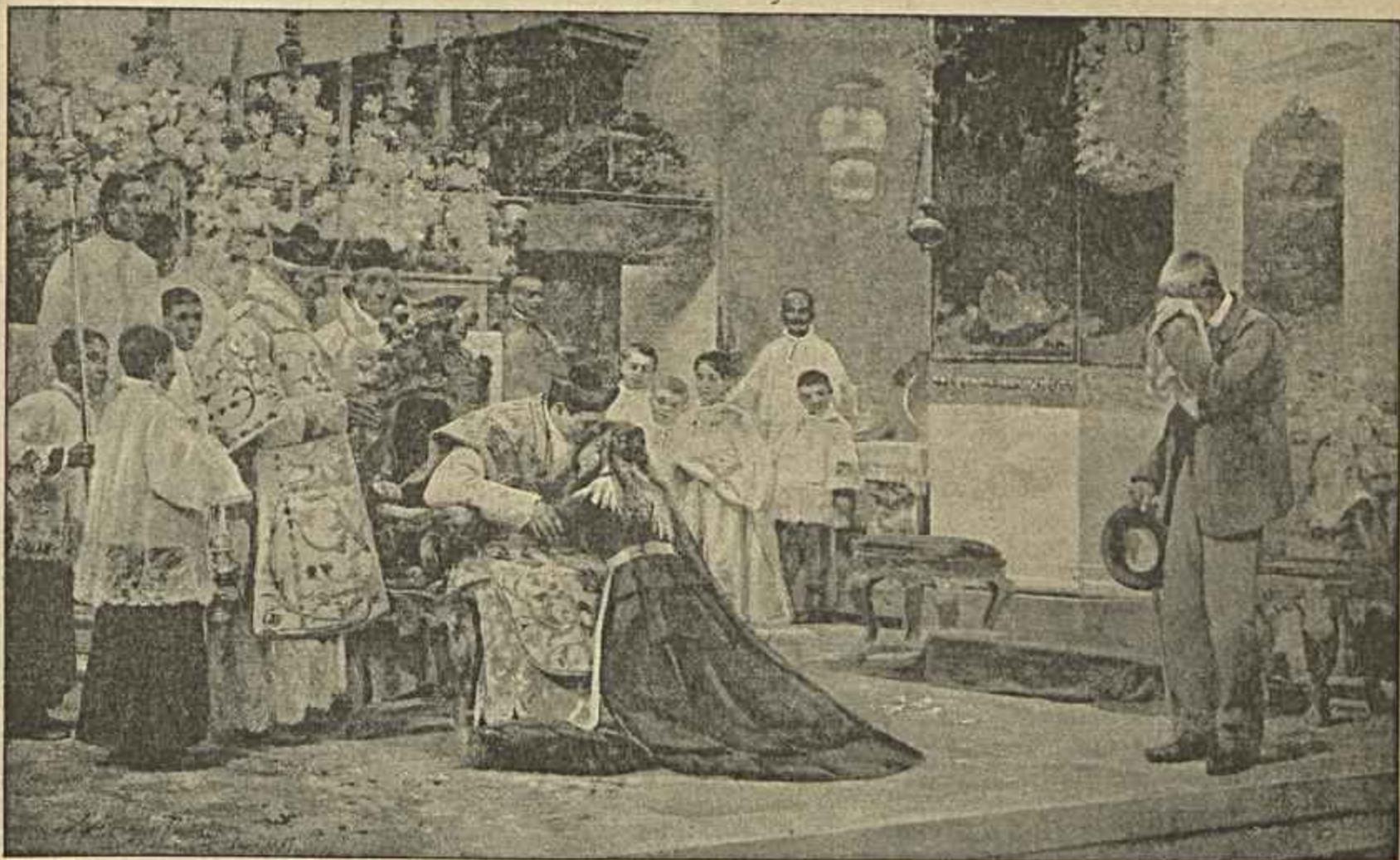
Nada mais tocante que ver os paes beijarem a mão de seu filho quando este acaba de celebrar o incruento sacrificio pela primeira vez.

A sensação é das mais fortes e ao mesmo tempo das mais consoladoras para o coração do pae e da mãe. As lagrimas que vem do coração aos

guir o exemplo de seu pae, Frederico Samuel Danvers, que durante mais de 40 annos trabalhou como empregado superior no escriptorio em Londres da antiga Companhia das Indias Orientaes. Em Londres, ou antes em Honsay, aldeota proxima de Londres, nasceu o nosso biographado, o sr. Frederico Carlos Danvers, a 1 de julho de 1833, foi educado em Londres na «Merchant Taylor's School, e em «King's College», passando depois para uma escola particular em Elkham, afim de se preparar para seguir em Addiscombe os cursos, que ali devem ser estudados pelos moços que tencionam dedicar-se a servir na India, na engenharia, cavallaria, artilheria e infantaria. Estava estudando engenharia pratica em varios estabelecimentos de Londres e de Southampton, quando em 1852 lhe foi offerecido um logar nos escriptorios em Londres da Companhia das Indias Orientaes. Aceitou a nomeação, e ali serviu durante alguns annos debaixo das ordens, entre outros, de dois homens iminentes, Peacock e Stuart Mill, nomes

importantissimo de sub secretario de Estado na repartição de obras publicas, e transferido, quando o sr. Clement Markhan se reformou, para o logar ainda mais importante de sub-secretario de Estado na repartição de fazenda, e finalmente quando se formou uma repartição bastante ampliada do Archivo e Registos, foi o sr. Danvers escolhido para seu chefe com o titulo de «conservador e superintendente do Archivo.»

Entregou-se com inexcedivel zelo aos seus novos trabalhos o sr. Danvers, e logo d'isso se resentiu a repartição que elle dirigia, porque os estudos historicos acerca do dominio inglez na India lucraram immensamente com a esmerada colleccionação, arranjo e catalogação de todos os documentos que a esse dominio se referiam. Na sua investigação notou o sr. Danvers que o Archivo era bastante deficiente em documentos relativos aos primeiros annos do seculo XVII, e entendeu que bastantes documentos elucidativos d'esse periodo se deveriam encontrar nos archivos dos pai-



OS PAES DO CELEBRANTE DEPOIS DA MISSA NOVA

(Quadro de Alcazar Tejedor)

olhos, são as da alegria, uma alegria mystica, suave como o perfume do incenso que se evola pelo templo, uma alegria que enche de orgulho os paes do novo ministro de Deus, por terem dado o ser ao novo levita consagrado aos pés do altar, e cuja missão na terra deverá ser toda de paz, caridade e consolação.

FREDERICO DANVERS

O Occidente paga uma divida nacional publicando hoje o retrato do illustre escriptor inglez, de cuja obra tão lisongeira para os portuguezes, e tão conscienciosamente escripta, temos dado minuciosa noticia aos nossos leitores. Raras vezes no estrangeiro tem sido apreciado Portugal com tão justo e ao mesmo tempo benevolo criterio, como também raras vezes se tem escripto com tanta exactidão a nossa historia.

O sr. Danvers tem consagrado a sua vida ao estudo da India, e n'isso não fez mais do que se-

bem conhecidos, sobretudo o d'este ultimo—o grande economista, no mundo scientifico e litterario.

Logo o sr. Danvers, pelos seus estudos espeziaes, foi mandado fazer serviço na repartição das obras publicas, e quando em 1858 acabou o regimen da Companhia, e as vastissimas possessões indianas passaram a ser regidas directamente pelo governo inglez, o sr. Danvers foi escolhido por lord Stanley (depois lord Derby) que foi o primeiro secretario do Estado da India para ir a Liverpool fazer um relatorio sobre o emprego na India das machinas de tracção. Pouco tempo depois formulava o sr. Danvers um vasto projecto para fazer atravessar o Ganges ás vias ferreas das Indias Orientaes por meio de uma subvia entre Howrah e Calcuttá. Não foi então por diante esse projecto, mas no momento em que escrevemos está a caminho de se realizar na India um projecto exactamente semelhante.

O talento e as aptidões do sr. Danvers eram tão apreciados que, sendo ainda relativamente bem novo, foi chamado a desempenhar o cargo

zes, que tinham sido esbulhados das suas possessões orientaes pelos ingleses, ou n'esse seculo ou no seculo immediato, isto é, Portugal e Hollanda. Concordou o governo inglez com essa idea, e em 1861 o sr. Danvers foi encarregado de fazer as necessarias pesquisas nos archivos de Lisboa e de Evora, obtendo-se para isso a necessaria auctorisación do governo portuguez. O modo como elle se desempenhou d'essa tarefa já os nossos leitores o poderam apreciar pelos artigos aqui publicados; a actividade com que tem procedido no desempenho d'esse encargo pode bem avaliar-se sabendo se que, tendo começado as suas investigações em Portugal em 1891, já as concluiu e de um modo amplamente fructuoso, e está-se agora entregando a igual trabalho na Hollanda, nos archivos da Haya e n'outros onde possa encontrar os elementos de que carece.

Trazia-o a Portugal, como vimos, simplesmente o interesse de historias inglezas, mas a nossa historia, a historia das nossas conquistas orientaes, das nossas luctas épicas e cavalleirescas exerceu no seu espirito uma natural fascinação,

e o illustre escriptor sentiu por este paiz uma sympathia, que transparece a cada instante nas paginas do seu relatório. Pode dizer-se que para isso contribuiu o facto de ter em Pottugal seu filho Allan, director da Companhia dos Telephons, correspondente de varios jornaes e agencias noticiosas do estrangeiro, que aqui tem emprego as forças do seu trabalho e da sua intelligencia, que se tem identificado connosco, e que recebeu do governo portuguez, como prova de apreço pelo seu caracter e pelos seus serviços e de apreço pela personalidade de seu pae, o titulo de barão. Mas não sejamos tão modestos que não nos convençamos de que, ainda que estes factos se não dessem, um espirito recto e imparcial como o do sr. Danvers não deixaria de se deixar impressionar pela belleza da nossa historia, ao poder estudar nos documentos que lhe confirmaram a verdade da affirmacão de Camões, dizendo a el-rei D. Sebastião:

Ouvi; que não vereis com vãs façanhas
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

O que é certo é que não só o sr. Danvers se espraou no seu relatório na narrativa de factos exclusivamente portuguezes, mas aproveitou os dados obtidos para escrever uma *Historia dos Portuguezes na India*, cujo prospecto já foi distribuido, e que sairá á luz, ao que parece, na proxima primavera. Não temos senão a felicitar-nos de termos merecido tão zelosa attenção do illustre investigador britannico.

O sr. Frederico Danvers é governador vitalicio do Real Fundo Litterario, membro do Conselho da Real Sociedade Estatistica, membro da commissão indiana da Sociedade das Artes, membro e revisor honorario do Instituto dos Engenheiros Electricistas, membro do Instituto Imperial. Tem sido tambem membro do Conselho da Sociedade dos Engenheiros, e por muitos annos membro do Instituto dos Engenheiros Civis.

O sr. Danvers tem escripto varias obras, entre as quaes citaremos *Economia carbonifera publica*, por ordem do secretario do Estado da India em Conselho, e cuja edição se acha esgotada ha muito, *Engenharia na India*, publicada pelos editores Spon em Londres, e finalmente o *Relatorio* que temos estudado no Occidente. Leu perante a Sociedade das Artes varios estudos sobre a *Agricultura na India*, *Fomes na India*, e os *Archivos da Secretaria da India*. Pela primeira e pela ultima d'estas obras recebeu a medalha de prata da Sociedade das Artes. Tem collaborado finalmente n'um grande numero de jornaes como o *Engineering*, *Times*, *Enriner*, *Architect*, *Quartely*, *Journal of Sciences*, etc.

Prestando esta homenagem a homem de tão alta capacidade, tão laborioso e tão justo, pagamos, como dissemos no principio d'este artigo, uma divida nacional.

O Occidente não pôde deixar de engastar nas suas paginas os retratos e as biographias de estrangeiros illustres, que se mostrem amigos de Portugal, principalmente no momento actual em que não abundam as sympathias por nós, e n'um paiz como a Inglaterra d'onde não nos tem vindo ultimamente grandes provas de affecto. Agradeçamos penhoradissimos a homens que, como os srs. Danvers, Richard Major, Morse Stephens e outros fazem, levados unicamente por um sentimento de imparcialidade e de justiça, uma affectuosa propaganda em nosso favor.

Pinheiro Chagas,

Um relatório inglez sobre a Índia Portuguesa

(Concluido do n.º 538)

Uma das mais interessantes secções do livro do sr. Danvers é a ultima, aquella em que elle se occupa do dominio portuguez na China e no Japão. É triste seguirmos essa historia desde que começa o periodo da nossa decadencia; é triste, mas ao mesmo tempo não é desconsolador. Vemos que Portugal não podia lutar com paizes tão activos e tão importantes como a Inglaterra e a Hollanda, que estas duas nações se esforçaram por nos descreditar no espirito dos soberanos do extremo Oriente, e por nos arrancar a preponderancia que ali tinhamos, e comtudo não o conseguiram completamente.

Assim vemos que os holandezes atacaram em 1622 a nossa praça de Macau, mas Lopo Sarmen-

to de Carvalho que a governava repelliu-lhes o assalto, causando-lhes graves perdas, que fazia sorrir de jubilo os inglezes que assistiam de perto ao combate, e que mesmo deviam ter auxiliado os holandezes, em virtude de estipulações que colligavam os dois povos contra nós, e que formavam esquadras combinadas,—*fleets of defense*,— chamavam-lhe os inglezes, com os navios de uma e de outra nação. Pois é um inglez Richard Cocks quem conta em officio para o seu governo, datado de Tirando de 7 de setembro de 1622 com mal disfarçado gosto a séria derrota que nós infligimos aos holandezes.

É triste ver por exemplo que era tal a nossa deficiencia de navios que o conde de Linhares ia fretar um navio inglez *London* para transportar objectos do governo de Macau para Goa e de Goa para Macau, processo cujos inconvenientes elle logo percebeu, porque os pilotos inglezes foram estudando os portos do extremo Oriente, a que iam enviados por nós, e os seus feitores procuravam travar com os indigenas relações commerciaes offerecendo-lhes os generos que nós lhes levavamos com 50 % de abatimento. É certo que um official inglez Weddel que foi n'uma esquadra em condições semelhantes ás do *London* conseguiu penetrar no porto de Cantão, e respondeu com umas insolencias desdenhosas ao governador de Macau que lhe extranhava o procedimento, mas é certo tambem que, tendo rebentado conflicto entre Weddel e as auctoridades chinezas, foi graças á intervenção de um embaixador portuguez que os inglezes conseguiram reaver os seus patricios e os seus bens que tinham ficado em Cantão. É o sr. Danvers que o declara. «On the return of the fleet to Macau, *The Portuguese sent a Ambassador to Cantão, who succeeded in bringing away the English factors and goods*». É certo ainda que o imperador da China recommendava com toda a instancia aos seus mandarins e muito especialmente ao de Cantão que auxiliassem com todas as suas forças os portuguezes a expulsar os holandezes. Apesar de todos os nossos erros, de todos os nossos desmandos, e da nossa fraqueza, sempre os povos com quem lidámos na Asia, na Africa ou na America nos preferiram a esses poderosos e correctos homens do Norte.

Demos uma ideia brevissima da obra do sr. Danvers, de certo um dos mais substanciosos relatorios que sobre assumptos de historia portugueza tem penetrado nas secretarias inglezas. O sr. Danvers soube encontrar na massa enorme de documentos que revolveu os que mais serviam ao seu fim, soube commentar os, coteja-los com os documentos inglezes, e no apuramento da verdade nunca se mostrou parcial contra nós, antes pelo contrario vê-se que folga de prestar homenagem ao talento e ao valor dos nossos antepassados. Não podemos deixar de nos mostrar gratos a este distinctissimo escriptor, que principiou por nos estudar a fundo, de forma que na sua obra não se encontra nem o mais leve vestigio da ignorancia absoluta que se manifesta em geral nas obras escriptas no estrangeiro a nosso respeito.

Quando dissermos que o unico erro que nos saltou aos olhos foi o de dar o tratamento de *Magestade* aos reis de Portugal antes dos Philippes, mostrando assim que lhe escapou a observação de que até vir a usurpação hespanhola o tratamento dado aos reis de Portugal era simplesmente o de *Alteza* temos mostrado bem que este livro se pode dizer quasi impeccavel.

Livros como este e como o de Morse Stephens servem muito no estrangeiro a nossa causa e a nossa gloria, e a nós mesmos são uteis, porque — vergonha é dizel-o — dão-nos para a nossa propria historia elementos que não poderíamos facilmente encontrar. É me pois altamente agradavel prestar esta homenagem ao illustre escriptor inglez, tanto mais quanto, por intermedio do filho de Frederico Danvers, já havia entre esta familia e o nosso paiz laços de sympathia e de affecto.

Pinheiro Chagas.

LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

(CARTA FAMILIAR)

(Continuado do numero antecedente)

O molde horaciano, como se vê, é perfeito, com a dicção polida e o gosto livre. É uma transparencia nitida e naturalissima, e por isso mesmo difficil, só familiar a um alto ingenho como o de CAMÕES. De outros imitadores de Horacio se vê que não hobrearam com este. André Falcão, seu contemporaneo, Filinto Elysis, Elpino Durriense e o açoriano José Augusto Cabral de Mello, os quaes tambem verteram ou imitaram este logar, distinguem-se n'elle pela

elegancia e pouco mais. D'estes quatro, que são os que temos á mão, preferimos o ultimo, que sendo auctor aliás menos conhecido, apresenta todavia maior resaibo poetico. Mas tanto este como os outros nada têm que vêr em merecimento nem com o lyrico venusino nem com o lyrico venusino nem com o epico lusitano.

Para mostrar que CAMÕES é unico entre os poetas portuguezes, unico no genio e no gosto, poderíamos multiplicar exemplos e parallelos, mas não o precisa a sua fama.

E até entre os estrangeiros, ainda mesmo os mais afamados tambem não sobresaem muito n'estas confrontações camonianas. Sirva-nos de exemplo o tragico Racine na sua *Iphigénie*, onde n'um ponto se encontra com o CAMÕES, aproveitando a mesma imagem. Todos sabemos como no nosso epico o poeta, depois de descrever o assassinato de Ignez, se expande em lindissimas apostrophes e parabolos, para accentuar com energia o horror do nefando assassinato. Entre outros diz:

Bem poderas, ó Sol, da vista d'estes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atrée comia.

Na *Iphigénie* põe Racine na bocca de Clytemnestra a mesma apostrophe.

Et toi, soleil, et, toi, qui, dans cette contrée,
Reconnais l'héritier et le vrai fils d'Atrée;
Toi, qui n'osas du péro éclairer le festin
Recule, ils t'ont appris ce funeste chemin!

É bem de entender que se falla aqui d'um dos Atridas, Agamemnon, que sacrificava sua filha pela salvacão dos gregos. N'esta tragedia as diversas fallas de Clytemnestra, que era a mãe, são primores de poesia e de eloquencia.

O luxo classico que revestem os *LUSIADAS*, e com mais desvelado estudo esse *episodio de Ignez de Castro*, tem alevantado tal ou qual celeuma em espiritos frivolos e meticulosos. Culpam, por exemplo, a falla da Castro de erudita e concertada de mais para a afflicção que a pungia n'aquelle transe extremo, e até para o tempo em que fallava, que era pouco lido e entendido em taes arabescos de historia e mythologia classica.

Entendem mal de certo, que é desconhecer as regras da epopeia e a sua indole characteristic. A epopeia não é romance, é monumento; tem, como este, correcção cuidadosa e severa, que em nada implica a liberdade de pensamento, mas que o conserva na devida elevação consoante a sua grandeza. É como a estatua elevada nas praças, que tem a forma colossal para excitar attensões, e a primorosa perfeição artistica para incutir o respeito. Do mesmo modo na epopeia. Se os seus grandes affectos se vasassem nos moldes acanhados da comedia humana, o seu effeito seria negativo; moveriam por acaso a phantasia, sem que despertassem um echo que retinisse no coração.

III

São as traducções, disse um insigne poeta,¹ importação de riquezas estrangeiras que abastecem a litteratura nacional. É ainda mesmo que soffram avarias nos mares que atravessam, que não seja segura a fiscalisação nas alfandegas da critica, que descorem com a mudança do clima, tornam-se poderoso subsidio para desenvolver o gosto na comparação dos grandes modelos.

Mas, ainda assim, a difficuldade é extrema e o risco eminente. Um traductor roça quasi entalado entre as escarpas da Tarpeia e os aditos do Capitolio, e é raro que não se despenhe da primeira, vendo sumir-se-lhe irremediavelmente o segundo. É isto acontece assim na prosa como no verso. Traduzir um poeta em prosa² vale tanto, segundo boa opinião, como arrastar Jesus Christo á presença de Poncio Pilatos; vertel-o em verso... ainda é peor, porque faz lembrar o potro e a polé dos ominosos tempos da Inquisição.

Depois de *executado o tormento* (phraseologia propria), as deslocacões do verso terão disfigurado o original de maneira que ou não se entenda ou mal se entenda. O rhythmico da prosa não equivale á cadencia do verso; o verso d'uma lingua não compensa, por harmonioso que seja, a inspiração que immortalisou o verso alheio. Tomem n'õ embora por uma photographia perfeitissima; a photographia, ainda que pareça esplendida, é sempre pallida e inanimada. Esta casta d'obras, diz Garrett, estuda se, imita-se, não se traduz. E chega a dizer que Virgilio, CAMÕES, Tasso, Milton não seriam grandes poetas, se tivessem traduzido em

¹ Delille.

² Como fez Chateaubriand a Milton.

vez de imitarem, como fizeram com honra propria e proveito da litteratura.

O episodio camoniano de *Ignês de Castro* tem sido trasladado para outras linguas, já nas traducções completas dos *LUSIADAS*, já insuladamente. Não era facil, nem o comporta o espaço; dar-lhe noticia de todas; ou pelo menos a sua bibliographia; mas permitta-me que lhe escreva de tres, as mais modernas, que conheço, duas latinas e uma franceza. São as primeiras dos srs. Antonio José Viale e Francisco de Paula Sancta Clara, que já lhe citei, e a ultima do sr. Henri Faure, todas publicadas em opusculos e depois inseridas no *Instituto*, jornal de Coimbra.

As duas latinas são contemporaneas; compostas ao mesmo tempo, foram dadas à estampa com pequeno intervalo. Distinguem-se porém muito; a do sr. Viale é uma paraphrase e a do sr. Sancta Clara uma imitação, como elles proprios confessam. O primeiro diz, mas muito modestamente, que se não atreveu a chamar traducção a esta sua tentativa; aspirou apenas ao titulo de paraphrasta. Affirma a absoluta impossibilidade de expressar n'uma versão poetica, em lucta constante com o metro, todos os epithetos, todas as delicadezas do original, e principalmente quando o auctor é um Tasso, um Milton... um CAMÕES; e sobre tudo, se a traducção houver de ser de lingua morta.

O sr. Sancta Clara assevera que a transposição dos *LUSIADAS* na lingua latina fôra trabalho dos nossos latinistas, e cita de tradição alguns traductores cujas obras se perderam, e os dois que se conhecem, Faria e Macedo. E não se intimida com a opinião de D. Francisco Manuel de Mello, que affiança de ambos terem posto na espinha o famoso poeta portuguez. Declara que a empresa é difficil e perigosa, e até impossivel por ser de auctor delicado em seus escriptos. «As essencias de cheiro exquisito e fino, exclama elle, se as passam d'um vaso para outro, perdem grande parte de sua actividade e fragrança.»

São pois concordes estes traductores, um imitador e outro paraphrasta, em confessar os espinhos da sua tarefa; cobraram todavia ousio para accommetter a empresa, lembrados do conhecido hemistichio *audentes fortuna juvat*. Arrojado é o intento, já o dissemos; poetas devem ser lidos e tractados por poetas. E por isso que admiramos as famosas imitações que o epico portuguez tomou de Virgilio, a que não chegaram os seus mais habéis traductores, como por exemplo Odorico Mendes e João Franco Barretto, embora este fosse tambem poeta e aquelle um critico atilado. O proprio Barretto se apropriou quanto poudo dos versos de CAMÕES. Mas estas recentes versões latinas são muito superiores ás conhecidas, e honram os seus auctores testificando os seus excellentes dotes de bons latinistas.

(Continua.)

A. A. da Fonseca, Pinto.

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

(Continuado do n.º 537)

Eis o relatório:

Ill.º e Ex.º Sr. — A commissão nomeada em portaria de 10 de dezembro de 1890 para apreciar e emitir parecer sobre um projecto de estação torpedeira submarina elaborado pelo 1.º tenente da armada João Augusto de Fontes Pereira de Mello, vem desempenhar-se do encargo que lhe foi commettido, encargo que recebeu com a maior satisfação, não só por significar honrosa confiança que muito agradece, como por lhe dar ensejo de conhecer com antecedencia o invento de um official da marinha de guerra portugueza, prioridade esta tão grata em razão do interesse peculiar que se liga à difficilissima solução do problema da acção militar submarina, como pelas aspirações patrioticas que a animam, em concordancia com o presuroso e geral enpenho que acolhe com sympathia as producções do merito e engenho, prestantemente postas ao serviço da nação.

Durante a sequencia dos seus estudos e discussões, teve a commissão presente um modelo representando a forma externa da estação submarina, um desenho em escala figurando a distribuição interna segundo o plano longitudinal medio e duas secções transversaes, e uma memoria descriptiva e explicativa. E' claro, que embora guardando reservas reclamadas pelo inventor, não poderá a commissão deixar de se referir ás disposições geraes do projecto para ser intelligivel o que tem a dizer. Tambem fica desde já consignado que não lhe foram presentes calculos de estabilidade do systema, nem os planos graphicos das construcções mechanicas que devem assegurar a estabilidade de fluctuação entre aguas, ou da que devem dar a propulsão por via dos helices, ou a mudança de direcção por via de leme, nem tão

pouco encontrou descripto o processo a empregar para ter orientação em marcha quando accidentalmente esta deva fazer-se, estando o barco submerso.

Os elementos de estudo recebidos, e a declaração expressa do inventor, mostram que elle não pretendeu construir um submarino dotado de velocidade que lhe permitta ir ao encontro do inimigo. Procurou apenas estabelecer entre aguas uma estação torpedeira convenientemente fundeada, em permanente inspecção da zona de mar que o inimigo pôde occupar, apta para lançar no momento opportuno torpedos automoveis ou dirigiveis, e emfim dotado com limitado poder de propulsão que lhe faculte desbocar-se para tomar mais conveniente posição, ou para retirar se lór preciso.

A originalidade do invento reside exclusivamente na idéa de manter fundeado entre aguas, e em permanente relação com a atmosphera, um torpedeiro submarino. Não ha, de facto, exemplar algum de taes barcos que busque manter-se em situação expectante, fundeado as suas ancoras; ao contrario, como principio assente, a grande mobilidade é garantia de successo e de segurança, que gera nos ameaçados a idéa do ataque imprevisto, talvez immediato, affrontando-lhes o animo com permanente ansiedade, que mortifica e quebra a ousadia. No entanto, não ha razão para dizer que a estação immovel, esperando a investida para a occultas disparar tremendos e certos golpes, não tenha valor real como elemento defensivo de um porto. Pode, talvez, a critica affimar que mais economico, mais effizaz, e menos complicado seria o estabelecimento de uma estação torpedeira descancando no fundo do mar; não o affirma ou nega, a commissão, a qual não incumbe considerar tal proposição, embora não tenha passado despercebida a sua, mais ou menos, exacta plausibilidade.

A estação submarina projectada pelo 1.º tenente Fontes é, nos traços geraes em que foi apresentada, e á parte a feição especial acima notada, a applicação de principios já recebidos e empregados na navegação submarina.

Já o almirante Bourgeois no seu *Plongeur*, em 1863, adoptava reservatorios que recebendo ou expulsando agua tentavam manter a estabilidade de immersão; e, decorridos 27 annos, vê se ainda no *Goubet* a admissão e rejeição de agua em tres reservatorios separados por tres divisões estanques, disposição esta perfeitamente analogia á projectada na estação torpedeira Fontes.

Tambem no *Goubet* e no *Gimmote*, a electricidade em accumuladores fornece aos motores especies a força de que carecem; e por ultimo é perfeita a analogia do arranjo para visão que o tenente Fontes propõe, e o que se prepara para ensaio no *Goubet*.

Não ha pois na estação submarina projectada, e basta referir os pontos capitaes do arranjo dos submarinos, desvio dos principios assentes nas sciencias phisicas, nem o repudio dos processos já empregados por outros inventores.

Não obstante convem ter sempre em memoria que os insuccessos da navegação submarina não proveem, como diz Ledieu, do desconhecimento de taes principios, mas de haverem sido insufficientemente cuidadas as minucias indispensaveis para correccções das causas perturbadoras, variadissimas no seu modo d'acção e tão irreductivelmente numerosas.

Aqui o relatório descreve muito claramente o segredo do invento. Por isso o não transcrevemos.

Logo affirma que o equilibrio do systema da estação está sujeito a romper se logo que as linhas de corrente de agua, apresentando se seguindo ondulações, bem conhecidas e facilmente explicaveis, venha incidir sobre qualquer dos extremos do barco, principalmente quando tenham para resultante final uma linha de esforço de cima para baixo com qualquer inclinação.

Desviado da horizontalidade do eixo do submarino, quando tal esforço se exerça, a carga movel de agua contida nos reservatorios deverá, deslocando-se, deslocar tambem o centro de gravidade do systema, resultando de tal facto que o primitivo equilibrio não poderá restabelecer-se sem descarga do liquido contido no reservatorio inferior. Mas se obvia e necessariamente assim deve succeder, parece que o insuccesso do *Plongeur*, cujos mecanismos de estabilidade não sendo dirigidos automaticamente, funcionavam com irregularidade que fez condemnar o invento, poderia aconselhar o auctor do projecto da estação submarina a adoptar o pendulo de Whitehead governando reguladores de descarga ou pistons hydraulicos, se é que, dada a grandeza do submarino, a quasi instantaneidade da acção perturbadora e a intensidade d'esta, tal processo, desacompanhado

de outros meios, podesse ter sufficiente efficacia em um barco de 120 metros cubicos de deslocamento.

Razões haverá, é presumivel, que tenham levado o inventor a prescindir do processo de regulção automatica, cujo emprego figura como accessorio indispensavel na navegação submarina: ignora-as a commissão, porque lhe não foram apresentadas; não resta contudo duvida quanto á preocupação que deveria ter o tenente Fontes no que respeita ao effeito das impetuosas e irregulares correntes d'agua que se cruzam no nosso Tejo e sua barra, tornando incerta a posição dos torpedos fundeados por os desviar do seu logar, proposição esta que se lê na sua memoria, e deveria ter feito reflectir na complexa acção d'essas correntes quando envolvessem a sua estação torpedeira, talvez deslocando-a; sem duvida, causando perturbação á indispensavel estabilidade do seu eixo, perturbação que poderá ir até comprometter fatalmente a segurança da guarnição!

Outra questão capital ao arranjo dos submarinos vem da necessidade de prover a guarnição d'esses barcos com ar respiravel durante o periodo em que a submersão seja completa. Todos os processos hoje empregados são insufficientes para supprir durante periodo não indefinido, mas de conveniente largueza, o ar necessario á respiração. Os reservatorios de ar comprimido a forte pressão permitem, é certo, substituir o ambiente viciado por outro propriamente constituido; mas o consumo do oxigenio faz-se tão rapidamente, que a maior grandeza dos reservatorios apenas assegura o suprimento de algumas horas. Os reservatorios de oxigenio comprimido proporcionam o elemento indispensavel á vida em quantidade que alongaria extraordinariamente o periodo da submersão se no ambiente do barco não se fizesse fatalmente accumulção dos tóxicos provenientes da expiração dos individuos.

Emfim, o problema da aeração em espaço incommunicavel com a atmosphera está hoje, como no principio dos ensaios, sem solução acceptavel.

Conscio da impossibilidade de tornar habitavel o recinto da sua estação, mediante qualquer dos artificios indicados, e attendendo em que as condições proprias d'esse meio de acção não recomendam a mudança de posição para vir a ponto abrigado renovar a provisão de ar, o tenente Fontes rompeu abertamente com a sujeição á incommunicabilidade com a atmosphera e estabeleceu tubos de admissão do ar exterior e de expulsão do ar viciado, realisando-se estas operações por meio de uma ventoinha posta em movimento por um motor electrico.

E' forçá confessar que, sob o ponto de vista da habitabilidade, o submarino proposto tem a maxima vantagem sobre todos os projectos elaborados ou realisados.

Deveria respirar-se alli como sobre a terra, e por tempo indefinido, até mesmo quando a ventoinha viesse a parar por se haver esgotado a força motriz. Mas esta importantissima vantagem deve tambem confessar-se, é adquirida á custa de grave inconveniente, qual o de se revelar a situação do submarino. De facto, não será difficil nem longo descobrir, acima da superficie do mar um tubo vertical medindo doze centimetros de diametro, dimensão que o inventor lhe attribue, e que não poderá ter de altura menos de 50 centimetros para ficar ao abrigo da entrada da agua, quando esta estivesse agitada.

Mas uma vez que de si affastou a preocupação de todos os inventores de submarinos, quanto á necessidade de occultar cabalmente a posição dos barcos, parece que, dada a grandeza consideravel da estação proposta, poderia o tenente Fontes escolher para agente de força o mais certo e seguro, que é o vapor contido em reservatorios com agua sobre aquecida, ou proveniente de caldeira ordinaria.

Adoptaria assim o systema mechanico preconizado por Nordenfeldt, systema que effectivamente se recommenda para as construcções relativamente grandes, já por que é mais seguro e manejavel, não estando sujeito ao perigo de intermitencias d'acção, e de desarranjos que prejudicam ou annullam a effizienz dos motores, como em razão de não haver differença attendivel de peso entre os motores electricos com accumuladores, que nos typos maiores pesam 37 kilogrammas por cavallo electrico, e motores por vapor d'agua pesando 30 a 40 kilos por cavallo indicado.

De resto é claro que a necessidade de recarga dos accumuladores exhaustos obriga em breve ao abandono do posto defendido, ao passo que a provisão de hydro-carburetos a empregar na combustão deve permittir muito mais dilatada permanencia na zona a defender. O repudio do systema que Nordenfeldt adoptou e que todos os especia-

listas recommendam, quando sejam de grandes dimensões os submarinos, só o pode attribuir a comissão a confiança que impera no animo do tenente Fontes; quanto ao aperfeiçoamento dos motores electricos, a qual o conduziu a preferencia que a comissão deseja ver justificada pelo successo, contradizendo o que no momento actual tem ainda os fóros do mais largo consenso.

Para rematar a sua apreciação quanto aos agentes de força não pôde a comissão deixar de recordar que falta na memoria descriptiva qualquer menção dosapparelhos tão geralmente conhecidos, cujo emprego sujeita os motores a obediencia docil á vontade de quem os dirige. Refere-se a comissão aos servo-motores, e crê que a lapso se deve a indicada falta, porquanto seria inacreditavel a propositada regeição do seu emprego.

Resta tratar do processo empregado para tomar conhecimento do que se passa á superficie do mar. Um systema de espelhos ou prismas em concordancia, alojado no tubo que serve para a aeração, projecta sobre um vidro, como em camara escura, as imagens que a objectiva recolheu. Tal é a descripção que nos dá o auctor, e, salvo erro, é a que, sem minucias, nos trazem publicações recentes com respeito ao apparelho que brevemente vai ser applicado e ensaiado no *Goubet*. Será satisfatoria esta solução do problema como ao primeiro aspecto parece?

A comissão crê que as oscillações da estação torpedeira, accrescidas com as constantes vibrações do casco, sujeito por ancoras cujas amarras estarão estremeando sob o effeito das correntes d'agua, privarão a objectiva, espelho ou prisma, da fixidez necessaria para que não haja sobreposição de imagens; julga que aggravada a amplitude linear da oscillação da objectiva por se encontrar distante do centro de gravidade do barco, tornar-se ha para esta tão sensivel qualquer oscillação do casco subjacente, que ainda prescindindo de considerar o que succederia em resultado dos intensos e inevitaveis desvios da situação d'equilibrio, as esperadas imagens figurariam no plano de projecção como indistinctas sombras perpassando em um disco de luz. Isto quanto aos prismas ou espelhos reflectores; mas deve prestar-se justiça ao projecto lembrando que fazendo emergir de agua a cupula da estação, será possível perfeita observação do que se passa sobre o mar, olhando atravez das placas de vidro que o inventor dispõe nas faces da mesma cupula.

No *Goubet* ha identica installação.

Examinadas assim as questões principaes que envolve o problema dos submarinos, a estabilidade de immersão, a aeração, a agencia motriz e a faculdade de visão; e considerando o modo por que essas questões são tratadas no projecto da estação Fontes, occorre dizer ainda como observação secundaria, que de haver o inventor adoptado motores electricos, provirá a necessidade de corrigir a acção por influencia d'estes sobre as agulhas magneticas, porventura installadas no barco para orientação da sua marcha debaixo d'agua. Não faz, é certo, o projecto menção de agulhas magneticas ou do processo a empregar para compensar tal influencia, parecendo que um toro, que faz parte do equipamento, é destinado a assegurar o plano invariavel para contagem dos azimuths; mas se ao inventor chegar a inspirar menos confiança aquelle apparelho principalmente destinado a demonstrações scientificas, e como consequencia buscar a solução mediante o emprego de agulhas magneticas, parece que os ensaios a fazer no *Goubet* deverão ser attendidos nas installações que houverem de ser feitas nas agulhas magneticas da estação torpedeira.

Foi examinado o projecto nas suas mais importantes características, e até onde á falta de calculos e traçados completos é possível ir sem incorrer em inexacto juizo quanto aos propositos expressos do inventor; e fica tambem exarada a nossa opinião com respeito a pontos em que nos não é licito estar com elle em facil accordo.

Mas este fraco parecer não importa desconhecimento do merito e do estudo demonstrado pelo

tenente Fontes na coordenação do seu projecto, o qual para ser viavel, sem risco, bem merece revisão geral da applicação dos principios, sob orientação especialmente prevenida contra as causas perturbadoras e contra a acção dos adversarios, revisão esta cuja oportunidade talvez se venha que melhor quando sejam conhecidos os resultados dos melhoramentos que estão agora sendo introduzidos no *Goubet* e no *Gygnote*.

E' de crêr que, então, o talento mechanico que soube projectar a estação submarina, terá, em presença de mais amplos recursos de informação, ensejo para dotar a sciencia com um incontestavel progresso, e a patria com um poderoso meio de defeza.

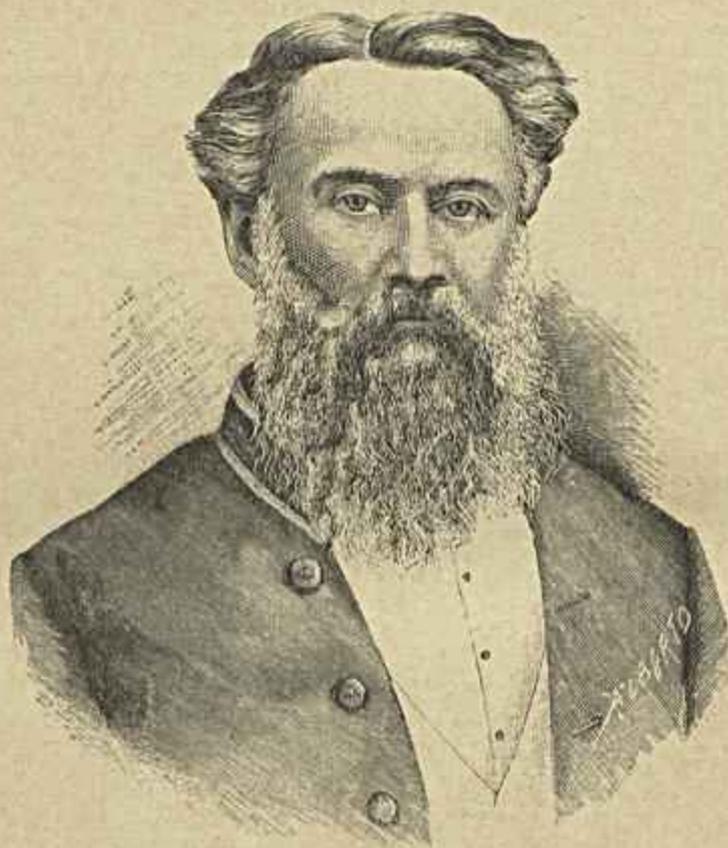
Julgando findo o encargo, a comissão tem a honra de depôr nas mãos de v. ex.^a a memoria descriptiva com os planos do submarino quaes lhe foram presentes.

Deus guarde a v. ex.^a, sala das sessões da comissão em 27 de janeiro de 1891.

(Seguem-se 5 assignaturas).

(Continúa).

Grumete.



FREDERICO DANVERS

(Copia de uma photographia do sr. J. Robinson Sons)



REVISTA POLITICA

Roma locuta est, causa finita est.

Sem querermos pregar sermão, nada nos pareceu melhor para melhor principiar esta revista que a citação latina, que o director do *Universal* escreveu no seu artigo de fundo de hontem, respondendo ao *Correio da Noite*, sobre a dissolução do parlamento.

Nada nos pareceu melhor, porque essa citação resume tudo quanto se devia dizer depois que o Chefe do Estado usou do direito que a Carta Constitucional lhe confere.

Nada nos pareceu melhor que essa citação, porque o artigo em que foi empregada, é o artigo mais bem escripto, mais nobre, mais levantado que ha muito tempo temos lido em columnas de folhas politicas.

A sensação que este artigo fez no publico, recorda os tempos em que na imprensa politica do nosso paiz escrevia um Rodrigues Sampaio, um Teixeira de Vasconcellos, um Andrade Corvo e

outros contemporaneos, em que a par da argumentação logica e superior, se escrevia portuguez.

Não tem facil resposta á sua altura o artigo do *Universal*, e ninguém depois de o ler podera louvar a campanha em que as folhas progressistas se lançaram contra o Chefe do Estado, por á cretar a dissolução do parlamento.

Das varias armas de que a politica se serve para os seus fins, nenhuma mais repugnante e suez do que a de atacar o Rei no pleno uso dos direitos que lhe confere a Constituição.

Mas, infelizmente, tem sido esta, de ha muito, a arma mais usada pelo partido progressista, sem gloria para si e grave prejuizo para as instituições.

O que ha, porém, de mais curioso é que, o *Jornal do Commercio*, que tem pedido em seus artigos o governo pessoal do Rei, venha agora censurar o monarcha porque lhe attribue um acto pessoal de seu governo, quando apenas exerceu um acto do poder moderador.

Por onde anda a logica e o bom senso!

Nós, que não fazemos aqui politica, e que simplesmente relatamos o que se vai passando, fazendo a critica dos factos conforme o nosso limitado criterio, temos a fortuna de ver friamente estas rabolices da politica e de as apontarmos aos nossos leitores, para que elles então tirem d'ellas as conclusões que melhor lhes parecer.

Quando a politica de um paiz chega ao ponto a que a politica portugueza tem chegado, essa politica é o cancro mais monstruoso que pôde roer e matar uma nação.

A orientação dos partidos não é nenhuma. A guerra que se faz não é de idéas, é toda pessoal, e para que não haja duvida que assim é, chega até á pessoa do Rei.

Os que fazem esta guerra, são conselheiros de estado, entram na camara de El-Rei, e se amanhã forem chamados aos conselhos da coroa guardarão as suas armas para a outra vez, deixarão á porta o barrete phrygio para occasião opportuna e entrarão nos paços reais para receber as ordens de Sua Magestade.

E as suas convicções onde ficam?!

O leitor que vá vendo este quadro, que decerto não o avivará na fé d'estes apóstolos, como tambem a nós não nos edifica.

E ao passo que os progressistas ameaçam com o absterem-se de ir á urna, ou de pactuarem com os republicanos, andam apalpando o animo dos eleitores a ver se podem contar com os seus votos, como já está acontecendo em Lisboa com o sr. conde de Restello que desiribuiu uma nuvem de circulares a perguntar se votam em s. ex.^a

Isto seria muito divertido se não fosse profundamente triste.

Dê-se a batalha, que tão inopportunamente se armou, mas dê-se com lealdade, cada qual dentro dos seus arrayaes, pelas suas idéas, e só assim se podem limpamente provar as forças, sem desprestijiar ainda mais as instituições.

Se as instituições não são boas, substituam-se por outras melhores, mas enquanto as actuaes forem a lei da nação, repetiremos o que dissemos no principio: *Roma locuta est, causa finita est.*

João Verdades.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Já sahio a publico e está á venda em todas as livrarias este annuario illustrado.

A capa é um formosissimo chromo allusivo ás touradas, em que se vê a Praça do Campo Pequeno. Preço 200 réis; pelo correio 220; pedidos á

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.